

10-11-2022

## Sindicalismo na “Onda Rosa”

Agnes Zoé Garal

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de *clipping*]

Metaforicamente, as tendências políticas do sindicalismo podem ser designadas em alusão às cores **amarelo** (católico); **negro** (anarquista); **vermelho** (comunista); e rosa (socialista) (veja, p.298). Este último episódio se refere ao fenômeno político “**Onda Rosa**”, ocorrido na América Latina no decorrer da virada do milênio que elegeu governantes identificados como progressistas, após a onda azul do neoliberalismo. Reagan (EUA), Thatcher (Inglaterra) e Kohl (Alemanha Ocidental) difundiram a política neoliberal no mundo.

O neoliberalismo começa a ser experimentado na ditadura de Pinochet no Chile. O laboratório neoliberal chileno trazia seus principais postulados como grande aliado do capital: ‘estado mínimo’, liberalização radical da economia, privatizações, terceirizações, desregulamentação do trabalho e austeridade fiscal, entre outros. A consequente redução de investimentos em políticas públicas, tendo o estímulo ao ‘mercado’ para assumir áreas como educação, saúde, infraestrutura e desenvolvimento ampliou as desigualdades sociais, a concentração de renda, o capital financeiro e a precarização do trabalho. A insatisfação de grupos políticos à esquerda cresceu na medida do crescimento da pobreza e das desigualdades. Nasce a “**onda rosa**”, rotulada como novo socialismo latino-americano... Ascende em 1998, na Venezuela, com Hugo Chávez e declina a partir de 2012 com a destituição de Lugo (Paraguai), a vitória de Macri (Argentina) em 2015, e o impeachment de Dilma (Brasil), em 2016. O tom ‘rosa’ designa tendência política “menos vermelha”, “menos comunista” e mais suave, de tonalidade social-democrata. [Veja](#) os líderes que ascenderam na onda rosa nas últimas duas décadas. Mais recentemente, as eleições de Boric (Chile), Petro (Colômbia) e agora Lula (Brasil) têm sido apontadas como uma “**nova onda rosa**”. ..... E o sindicalismo rosa? .....

O movimento sindical, após a retração da década de 1990, procurou surfar nessa **maré rosa** buscando se reestruturar e resgatar o protagonismo nas relações políticas, econômicas e sociais.

A estratégia do movimento centrou-se na luta pela integração latino-americana congregando sindicatos de diversos países no Encontro Sindical Nossa América (ESNA). O ESNA saiu do papel com a adesão de duas importantes centrais sindicais (CTB no Brasil e CTC de Cuba) (Damasceno, 2021). No I ESNA, em 2008 no Equador, aprova-se a “**Carta de Quito**”, que orienta a união e o protagonismo sindical com 17 propostas de encaminhamento, não sendo especificada a questão da saúde. No [II ESNA](#), em São Paulo (2009), é lançada uma proposta de plataforma de ação com três eixos principais:

1. Defesa dos direitos trabalhistas e sociais; 2. Integração solidária e soberania; 3. Luta em defesa da soberania alimentar, sobre os recursos energéticos, hídricos, a biodiversidade e a sustentabilidade ambiental. No primeiro eixo, entra na pauta dos debates: “*Universalização das políticas públicas: educação, saúde, previdência social, moradia e transporte; pleno emprego; redução da jornada de trabalho sem redução de salário; precarização do trabalho; e discriminação no trabalho por motivo de gênero, etnia, religião e orientação sexual.* Os sete Encontros Sindicais Nossa América ocorreram entre 2009 e 2016 com adesão de diversos sindicatos e centrais sindicais e sua atuação reproduziu os altos e baixos da **onda rosa**. Diversos atores políticos, desde sindicatos, centrais sindicais, partidos políticos, academias, analistas, o próprio ESNA etc. procuraram compreender suas oscilações, desafios e limitações. Aponta-se como importante desafio o estabelecimento de separação clara entre partidos, governos e movimentos sociais.

Outras questões apontadas são o fascínio pelo poder que, por vezes, toma líderes nos quais se investe durante anos; e a dificuldade de compreensão pelo sindicalismo das profundas mudanças do mundo do trabalho no século XXI em que a terceirização, a pejotização, a informalidade fortalecem o neoliberalismo. Menciona-se ainda divergências internas nas entidades internacionais sobre suas estruturas organizativas (sede, estatutos, formalizações em geral).

No Brasil, destaca-se a Reforma Trabalhista que em 2017 extingue a contribuição sindical compulsória. O montante arrecadado pelo desconto de um dia de salário de cada trabalhador formal, que garantia a estrutura operacional do sindicalismo, bruscamente reduz-se. Ainda que os sindicatos consigam arrecadar recursos da sindicalização espontânea dos trabalhadores da base, as centrais, federações e confederações estão sem alternativa de sustentabilidade (Damasceno, 2021, p.68-74). O salto ao precipício das trevas, do fascismo, neonazismo, com a chegada ao poder da extrema-direita de Bolsonaro no Brasil (2018-2022) estará encerrado com Lula no Brasil a partir de 2023? Ou, as ondas políticas são fenômenos ‘naturais’ como a alternância das marés, das estações climáticas, dos ventos etc e devemos nos preparar para tornar mais suaves as oscilações?...

“*Tudo muda o tempo todo / No mundo / Não adianta fugir / Nem mentir / Pra si mesmo agora / Há tanta vida lá fora / Aqui dentro sempre / Como uma onda no mar*” cantam Lulu Santos e Nelson Motta (Como uma onda, 1983). Compartilho apreensões com amigos sindicalistas:

A onda azul fascista que varreu (varre) o mundo reflete nossas insuficiências? Conquistar governos é suficiente?

O que deixamos de fazer? O que fizemos errado? Que escolhas precisamos tomar para surfar com dignidade a “**nova onda rosa**”?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.